

Catequeses Teresianas

VIII

O livro *Moradas* expõe um percurso de interioridade e de crescimento humano e espiritual. Mas esse itinerário está perpassado de espírito bíblico. Foi na Bíblia que Teresa encontrou inspiração, suporte e esclarecimento para exprimir a sua íntima experiência de Deus. Nas próximas catequeses verificaremos como é assim.

Logo nas primeiras *Moradas*, a santa afirma categoricamente a grande dignidade de cada ser humano, numa concepção altamente positiva sobre ele. Sentindo-se a si própria como um castelo habitado por uma presença misteriosa mas real que é Deus, Teresa sente-se olhada por Ele:

“Não encontro eu outra coisa com que comparar a grande formosura de uma alma e a sua grande capacidade; na verdade, os nossos entendimentos, por agudos que sejam, mal podem chegar a compreendê-la, assim como não podem chegar a considerar Deus, pois Ele mesmo disse que nos criou à sua imagem e semelhança... Basta Sua Majestade dizer que a alma é feita à sua imagem, para que possamos entender a grande dignidade e formosura da alma” (1M 1,1).

Pela referência explícita que faz à primeira página do Génesis – “Deus disse: Façamos o ser humano à nossa imagem, segundo a nossa semelhança” –, Teresa percebeu bem as incalculáveis consequências éticas a tirar da contemplação bíblica do ser humano como criado por Deus. Lá está gravada a ideia que deveria determinar a construção da pessoa e da sociedade. O Humano, imagem de Deus! A imagem não é a realidade, aponta para a realidade. Dizer que Deus “criou o ser humano à sua imagem” significa que ele traz em si indelevelmente gravada a imagem de Deus; significa que se deveria sentir inspirado a ser, a pensar e a agir segundo Deus; significa que o ser humano mostra Deus aos outros humanos e que, de entre todos os seres, é o mais próximo de Deus, o único capaz de captar a sua existência e de se relacionar com Ele; significa que este Deus é sobretudo o Deus da pessoa e para a pessoa, o Deus que tem a ver com a pessoa. Vê-lo como *criado* por Deus é contemplá-lo como *querido* por Ele. É pensar que tem uma dignidade que não se perde (nem sequer pelo pecado), porque vem de Deus, dada por Ele. Quem atentar contra ela atenta contra Deus – sugere o narrador bíblico. A fazer caso à contemplação miticamente proposta por Gn 1, o ser humano, ao relacionar-se com o seu semelhante e ao usar as coisas, deveria ser um reflexo do ser de Deus e do seu amor: se Deus criou as pessoas para as amarmos e as coisas para as usarmos, não podemos amar as coisas e usar as pessoas.

Esta meditação da primeira narrativa do Génesis terá ajudado Teresa a exprimir a sua experiência de que o ser humano não está vazio por dentro: é como um castelo habitado pelo próprio Deus.

P. Armindo Vaz, OCD